



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA LICENCIATURA

**TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PRIMEIRA MODERNIDADE:
UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO MAPA DE DIEGO GUTIERREZ (1562)**

GABRIEL GOULART CARDOSO

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA LICENCIATURA

**TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PRIMEIRA MODERNIDADE:
UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO MAPA DE DIEGO GUTIERREZ (1562)**

GABRIEL GOULART CARDOSO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
obtenção do título de Licenciado em História

Orientador: Prof. Doutor Tiago Bonato

Foz do Iguaçu
2022

GABRIEL GOULART CARDOSO

**TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PRIMEIRA MODERNIDADE:
UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO MAPA DE DIEGO GUTIERREZ (1562)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Titulação) (Nome do orientador)
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador Tiago Bonato não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela paciência, generosidade, confiança, profissionalismo e pela dedicação ao processo, fazendo desta jornada uma agradável experiência. A cada texto uma nova descoberta e a cada página uma confirmação de que o caminho a se trilhar é longo mas extremamente prazeroso.

Aos Ilustres professores que compõem esta banca, um agradecimento especial por estarem prestigiando este momento tão importante em minha vida acadêmica.

Dedico também um especial agradecimento aos fiéis e gentis amigos, Felipe Brixner, Verônica Baierle e Lívia A. S. Raymundo, pelas horas de trabalho juntos, pelas conversas nos corredores, por dividirem as angústias e felicidades durante nosso processo de formação. Que nossa relação de amizade se eternize e que por mais que a vida nos leve a caminhos diferentes estejamos sempre ligados pelos fortes laços de amizade.

Aos meus pais, pelo recorrente apoio, sem o qual grande parte deste trabalho não poderia ter sido feito. Por todas as manhãs junto ao netinho, pelas tardes e noites que abriram as portas de sua casa para que pudesse estudar e usar o computador. Minha mãe, que por sua experiência me orientou, me cedeu de seu tempo para acalmar as angústias frente à tarefa colossal que se descortinava no horizonte. Seus abraços e o carinho sempre foram um porto seguro, e sua dedicação não só a mim mas a família sempre serão lembrados. Ao meu pai, agradeço pelo exemplo, que em seus 71 anos ainda se dedica a área que mal arranhei a superfície. Obrigado pela integridade, pelo apoio e por me encorajar e fazer de seu modelo o meu. Sou muito grato por todas as vezes que me perguntava sobre o trabalho, ao qual toda e qualquer explicação histórica dirigida a este matemático estavam fadadas a mesma resposta: “você está falando grego pra mim, não gosto de história” seguidas por muitas de minhas risadas.

Agradeço ao meu pequeno e muito amado filho, Erick, que a cada manhã, quando abro os olhos, me dá forças para continuar. Agradeço a ti, meu filho, por todos os abraços gostosos, por toda ordem e desordem que trouxe para a minha vida, pela inquietação, pelos medos e pelo amor. Sua vinda em nosso humilde lar fez

dele um lugar aconchegante e repleto de alegrias, obrigado meu menino por ter entrado na minha vida. Obrigado pelas gargalhadas pela manhã, correndo com o tubo de pasta de dente, enquanto a mamãe se arruma para a universidade, pelas horas de estudo ao lado do papai, batendo no teclado e pelas intermináveis corridas em casa.

Agradeço a você meu amor, minha Andressa, minha companheira, amiga de todas as horas, e que esteve nessa jornada comigo em todos os sentidos. Por todo seu comprometimento, por todas as horas que me proporcionou estando ao lado de nosso filho, me incentivando e me motivando mesmo quando a imensa tristeza de perder um pai lhe acometeu. Obrigado por me ensinar a ser forte, por estar ao meu lado em momentos tempestuosos e principalmente por me ensinar o real significado de força. Levo você em minha alma e em meu coração, assim como o intenso desejo de sempre estar ao seu lado.

Por fim, agradeço a todos os que porventura se dediquem a ler este trabalho. Que esta singela pesquisa possa contribuir para futuras análises junto ao tema e que seus trabalhos possam ofuscar qualquer sucesso que eu tenha obtido.

*Uma
visão de mundo dá origem a um mapa do mundo,
mas este, por sua vez,
define a visão de mundo de sua cultura. É um ato
excepcional de alquimia
simbiótica.*

Denis Cosgrove Chicago, 2007

TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA NA PRIMEIRA MODERNIDADE: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO MAPA DE DIEGO GUTIERREZ (1562)¹

Gabriel Goulart Cardoso²

RESUMO

O presente estudo buscou compreender como, durante o século XVI a transposição do atlântico e a descoberta das Américas foi capaz de reconfigurar as bases cartográficas no alvorecer da modernidade. O escopo do trabalho procurou revelar como os novos problemas enfrentados no mar e a necessidade de inventar um Novo mundo para controlá-lo e dominá-lo, acabou desencadeando uma verdadeira revolução nas formas de se representar o mundo a partir dos cosmógrafos da Casa de la Contratación onde os discursos de poder e agendas passam a ser ainda mais presentes nesta modalidade de cartografia. A análise do mapa *Americae sive Quartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock, buscou explorar como essas mudanças se operaram, assim como tentou evidenciar a convivência de elementos tradicionais nessa nova cartografia moderna. Seguindo as proposições de Harley, como proposta metodológica, a decomposição desse artefato, tentou avaliar os contextos que permeiam sua confecção. Por sua vez, a investigação dos contextos dos cosmógrafos pretendeu estabelecer as diferenças quanto às epistemologias adotadas por ambos, e como essa amalgamação permitiu a produção de uma das mais belas composições cartográficas durante o século XVI.

Palavras-chave: Cartografia Histórica; primeira modernidade; Monstros.

RESUMEN

El presente estudio buscó comprender cómo, durante el siglo XVI, la transposición del Atlántico y el descubrimiento de las Américas logró reconfigurar las bases cartográficas en los albores de la modernidad. El alcance de la obra buscaba revelar cómo los nuevos problemas enfrentados en el mar y la necesidad de inventar un Nuevo Mundo para controlarlo y dominarlo, terminaron por desencadenar una verdadera revolución en las formas de representar el mundo de los cosmógrafos de Casa de la Contracting. donde los discursos de poder y las agendas se hacen aún más presentes en este tipo de cartografía. El análisis del mapa *Americae sive Quartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* de Diego Gutiérrez y Hieronymus Cock, buscó explorar cómo se produjeron estos cambios, además de tratar de evidenciar la coexistencia de elementos tradicionales en esta nueva cartografía moderna. Siguiendo los planteamientos de Harley, como propuesta metodológica, la descomposición de este artefacto, trató de evaluar los contextos que permean su elaboración. A su vez, la investigación de los contextos de los cosmógrafos pretendió establecer las diferencias en cuanto a las epistemologías adoptadas por ambos, y cómo esta amalgama permitió la producción de una de las composiciones cartográficas más bellas del siglo XVI.

Palabras clave: Cartografía Histórica; primera modernidad; monstruos

O ser humano sempre esteve indissociavelmente ligado ao espaço geográfico ao qual

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História Licenciatura como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

² Graduando em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

se circunscrevia. Esta relação quase sempre enigmática e particular foi produto de um contínuo esforço reflexivo do homem de conhecer, dominar e explicar o mundo por meio de representações. Estes artefatos, como sugere Harley, são impressões discursivas capazes de estabelecer uma comunicação com seu observador. Por sua natureza comunicacional, são capazes de auxiliar a produção historiográfica, firmando-se como poderosas fontes históricas, já que nos permitem conhecer os contextos econômicos, sociais e culturais que permitiram a sua produção.

Neste diapasão, a presente pesquisa buscou analisar o mapa da América de 1562 de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock intitulado *Americae Sive Qvartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio*, buscando determinar como a produção cartográfica, de modo geral, foi impactada por uma nova forma de se conceber os espaços, e como as Américas e o Atlântico contribuíram para o desenvolvimento de uma cartografia mais racionalizada e matematizada à partir da Casa de la Contratación em Sevilha, rendendo-lhe o título de primeira instituição científica da Europa moderna. A Europa do século XVI foi palco de profundas modificações, neste que foi o século de Ouro da Cartografia, dado o cenário profícuo para as mais diversas composições. O trabalho também buscará entender as várias epistemologias envolvidas na confecção deste artefato, com o fito de demarcar as permanências e discontinuidades ainda presentes na carta.

Muitos foram os estudos destinados às cartas náuticas, contudo a análise de mapas decorativos parecem receber um pouco menos de atenção por parte dos historiadores. A pouca incidência de estudos destinados à carta de Gutiérrez e Cock, é uma justificativa e um convite para uma análise mais pormenorizada. Assim os trabalhos serão guiados no sentido de perquirir esta fonte e investigar como esta carta, repleta de elementos alegóricos ancorados no passado, se insere neste contexto cartográfico moderno e como ela pode explicar essa modernidade paradigmática.

A História da Cartografia e suas Metalinguagens

A institucionalização da cartografia é relativamente recente, considerando que o estudo sistematizado desta cátedra se deu somente no século XVI, junto à Casa de la Contratación, em Sevilha, contudo seus estudos datam de muito antes. Por sua plasticidade a cartografia, um ramo destinado ao estudo e elaboração de mapas, foi encampada e estudada por diversos ramos científicos ao longo de séculos. Tomada como objeto de análise pela

historiografia, a cartografia possibilitou o surgimento de dois segmentos distintos: a história da cartografia e a cartografia histórica. Segundo Adonias e Furrer, o primeiro consiste na análise da origem das técnicas de feitura destas projeções e suas modificações ao longo dos séculos; já a Cartografia histórica destaca-se por uma abordagem metodológica destinada à interpretação de certos contextos históricos inseridos nos mapas. (ADONASIS; FURRER 1993, apud, OLIVEIRA, 2018, p. 14)

A Cartografia Histórica é, portanto, um ramo dedicado à análise contextual de produção do próprio mapa, contribuindo para a ressignificação desses artefatos como importantes fontes documentais. A criação de uma estrutura teórica para a Cartografia histórica foi imprescindível para a elaboração de metodologias de análise à esta ciência, representando:

[...] uma ajuda essencial para a compreensão da história de mapas, globos e atlas. Trata-se de um modo de acessar algumas das complexas questões relacionadas a esses artefatos, seus criadores e seus usuários, assim como se trata de uma ferramenta de autoconhecimento que amplia o escopo de questões de pesquisa. (JACOB, 2016, apud, OLIVEIRA, 2018, p. 15)

Essa nova epistemologia despertada pela cartografia histórica crítica, conferiu aos mapas um *corpus* onde estes artefatos devem ser entendidos como alegorias imaginadas de uma dada realidade, afastando a visão de uma “ciência concreta” (HARLEY, 2005, p. 61). Para Harley (2005) o estudo cartográfico deve se despir do papel de representar uma realidade geográfica objetiva, centrando sua análise às formas de conhecimento sobre a ação do homem, onde seu texto implícito auxilia no processo de reconstrução do passado.

Essa nova Cartografia histórica ganha bastante relevo durante a década de 80 a partir dos estudos de J.B. Harley, geógrafo, cartógrafo e historiador, onde a ampliação do repertório analítico dos mapas, fez desses artefatos uma poderosa ferramenta para reconstrução fragmentária do tecido temporal por parte dos historiadores. A partir de outros estudos, como de Erwin Panofsky, Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida é que o conceito de desconstrucionismo surge como possibilidade de analisar os mapas como imagens que carregam textos.

A ideia de que os mapas são, de certa forma, uma construção textual, baseiam-se na observação do contexto de sua produção. É no contexto histórico-cultural e nas condições de sua confecção que esse texto revela-se ao historiador³. Sendo assim, os mapas necessitam ser decompostos para que possam revelar os sistemas de signos e figurações que os acompanham

³ Harley considera que para analisar um mapa histórico é necessário levar em consideração três aspectos do contexto que influenciam o significado dos mapas: O contexto do cartógrafo, o contexto dos outros mapas e o contexto da sociedade. cf. HARLEY, J.B. La nueva naturaleza de los mapas. México, 2013.

para fazer emergir sua natureza textual, deixando de ser considerados apenas como refletores de uma visão mimética e neutra da realidade.

Para Harley a cartografia é discursiva pois o processo de confecção dessas representações acabam impregnadas por um conjunto sistemático de regras para seu estabelecimento como imagens. Dessa maneira os elementos retóricos e subjetivos passam a ser questionáveis dado que não são meramente um produto da racionalidade, mas também produtos de normas e tradições sociais (HARLEY, 2009).

O autor trouxe à baila o conceito foucaultiano da “onipresença do poder” no conhecimento para entender o mapa como um objeto de saber-poder, tentando compreender o condicionamento desses instrumentos espaciais às exigências da política e do Estado. É dessa maneira que Harley entende o caráter externo e interno do poder na cartografia. Segundo o autor: “O poder externo é aquele que age através da relação entre o produtor e o contratante de um mapa. Já o poder interno, é algo intrínseco aos mapas, sendo exercido através de elementos cartografados.”(GIRARDI, 2011 apud OLIVEIRA, 2018 p. 17). Girardi entende que ambos são indissociáveis dado que o “tratamento das técnicas e dos elementos representados que possibilita diversas expressões de um mesmo espaço”(GIRARDI, 2011, apud OLIVEIRA, 2018 p. 17). Dessa forma, Harley (2005) pretende que a desconstrução dos mapas sejam capazes de afastar uma visão de realidade objetiva, acomodando a importância histórica do mesmo, admitindo uma abordagem multidisciplinar mais contextualizada. Para o autor:

Longe de servirem como uma imagem simples da natureza que pode ser verdadeira ou falsa, os mapas descrevem o mundo, igual a qualquer outro documento, em termos de relações e práticas de poder, preferências e prioridades culturais. O que vemos em um mapa está tão relacionado com um mundo social invisível e com a ideologia como com os fenômenos vistos e medidos na paisagem. (HARLEY, 2005, p. 61)

Como grande aglutinador, os mapas também conseguem expressar conjuntos filosóficos e como tal permitem ao historiador da cartografia entender o posicionamento “cosmo-existencial” de uma determinada sociedade, no qual o conjunto de composições do mapa permitem traçar abordagens de como essa sociedade interpreta o mundo e a si própria revelando assim fragmentos de mentalidades que permitem entender como se orientavam e se manifestavam no mundo físico.

A cartografia não nasceu da necessidade do homem orientar-se, de caminhar sobre a superfície da terra e depois transmitir aos outros homens as indicações reveladas pela experiência [...] ao examinar os primeiros documentos cartográficos transmitidos, devemos admitir que a especulação filosófica, mais que o desejo de orientação foi a base das antigas representações da Terra. (OLIVEIRA, 1995, p.328)

Os mapas sempre estabelecem uma relação de interlocução e intelecção, onde ele é interpretado ao mesmo tempo em que partilha seus conjuntos valorativos intrínsecos através de um sentido humano. A resultante dessa interação do sujeito com o objeto (mapa), acabam tecendo uma espécie de relação comunicacional. Admitindo sua característica retórica, é possível entendê-los como uma forma de comunicação não verbalizada, onde os mapas são possuidores de conjuntos, de signos visuais que desempenham a função de transmitir e comunicar ideias abstratas e valores.

Mesmo que os mapas sejam indissociáveis de seus elementos escritos, sua natureza visual é o que torna um mapa. Segundo Brotton (2014) um mapa sem escrita é de difícil compreensão, contudo um mapa escrito seria apenas um conjunto de nomes e lugares. Os mapas passaram a ser imagéticos por excelência. Suas composições dependem da ótica e da imaginação de quem o produz. Trazendo à baila a etimologia da palavra, *imagem*, do latim *imago*, se traduz na capacidade de representar, imitar um ser ou um determinado objeto. Já representar pode ser entendido como “trazer a cena, encenar”. Tomando os mapas como uma representação de um objeto, ele encena e performa uma realidade geográfica, a partir da imaginação do cartógrafo.

Como qualquer representação, os mapas são o resultado de um conjunto deliberado de escolhas e intenções onde o cartógrafo privilegia alguns elementos ao mesmo tempo em que exclui ou silencia outros. A fundamentação em uma teoria social possibilita romper a ligação entre realidade e representação, afastando qualquer possibilidade de que os mapas expressam a realidade. As cartas, portanto, devem ser entendidas como uma ideia de espaço, cumprindo as agendas políticas e ideológicas no contexto em que inserem.

Chartier (2002) considera que a representação deve ser entendida como uma emulação do real, concebida no campo do imaginário, se apresentando frequentemente como prova de uma realidade que não o é. Esta deturpação do real cria um produto capaz de funcionar como instrumento de respeito e submissão ao qual a imagem faz crer que ela é mais real do que aquilo que está sendo representado, “a aparência vale pelo real”. (CHARTIER, 2002, p. 21). Sendo assim as representações devem pôr em relevo as estratégias e práticas que permitam a consolidação do poder, convergindo à uma análise mais relativista, entendendo-as como produtos dos grupos que as forjam, as representações carregam discursos aos seus destinatários, não sendo nunca neutras, fundadas por relações sempre conflituosas. (CHARTIER, 2002).

Os mapas são criados pelos seres humanos e como tal dão providência a um conjunto de manifestações, expressas pelos traços de cartógrafos, criando uma tônica ao mundo que

eles mesmos constroem. Nesta esteira, o historiador cartográfico deve entender o sentido ideologizante dos mapas, pois acabam por criar um conjunto estruturante de mundo, projetando “agendas ocultas e visões de mundo opostas entre as linhas da imagem”. (HARLEY, 2005, p. 61). Em outras palavras, os mapas são conceitos, que ao delimitarem uma geografia, concebem um tipo de mundo físico e mental, fornecendo fragmentos do modo de pensar de uma cultura.

A análise iconográfica de Panofsky permite estabelecer formulações nesse sentido, onde o afastamento de análises literais desses documentos permite buscar um entendimento mais aprofundado, no campo simbólico. Assim o viés ideológico e o ato que desencadeia a produção cartográfica devem ser perspectivados como uma forma de construção de poder, já que possuem uma função pedagógica, ao orientar sociedades e culturas, da mesma forma em que constroem cosmovisões baseados em um dado referencial.

Dois momentos importantes marcam essa abordagem crítica aos mapas. A comemoração do bicentenário da revolução francesa (1989)⁴ e os 500 anos da descoberta da América por Colombo (1992). Muitos trabalhos dialogam de forma crítica relacionando o mapeamento ao colonialismo e imperialismo. Para Harley “da mesma forma que os canhões e navios de guerra, os mapas são as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios foram reivindicados no papel antes de serem efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império.”(HARLEY, 2009, p. 5)

Segundo Gomes (2004), Harley encabeçou esse movimento crítico por meio de sua obra *Maps and the Columbian Encounter*, seguido pelas obras de Jacob *L'empire des Cartes* e Woods *The Power of Maps*. Jacob destacou de forma análoga à Harley que as cartas devem ser tidas como artefatos culturais, onde as produções devem ser interpretadas, propondo o afastamento da aparente transparência dos mapas. Dessa forma considera que os mapas não devem ser considerados apenas pela sua exterioridade (GOMES 2004, p.70). Por outro lado, buscou afastar a opacidade que acompanha tais objetos, buscando considerá-los como artefatos visuais e estudá-los a partir de pontos de vistas estruturais, estéticos e gráficos, enxergando neles uma completa arquitetura de signos (JACOB, 2016, apud OLIVEIRA, 2018). Para Denis Wood a cartografia deve ser vista como uma composição de instrumentalização do poder, onde a neutralidade e naturalização são partes de suas propostas. Outros autores como Mark Monmonier inserem o conceito de mentira inerente aos mapas em

⁴ A comemoração francesa se baseou na publicação de uma série de mapas, tendo como foco a discussão sobre território e realidades políticas, econômicas e culturais. cf. Gomes, 2014, p. 71

sua obra *How to Lie with Maps*.

A conceitualização dos mapas como representação permitiu a construção de um arcabouço teórico metodológico possível para que a Cartografia histórica entendesse a arquitetura de poder que viabilizou a consolidação do processo colonial do novo mundo por portugueses e espanhóis, ao afastar a ideia de cópia de objeto representado em um perfeito mimetismo. Segundo Oliveira (2018), ao buscar os valores simbólicos, propósito e objetivos inseridos no mapa, é possível revelar como ele contribuiu para inventar ou construir um objeto geográfico seguindo um processo rigoroso de classificação, hierarquização recortando e acomodando o espaço físico às necessidades dos colonizadores.

É sobre estas tensões, discursos, legitimação e domínio que o novo mundo passa a ter seus contornos definidos em pleno século XVI. A partir do imaginário europeu, a América vai sendo inventada, e representações inundam a península ibérica, não só em relação à uma população ainda desconhecida, mas seu mapeamento torna-se uma pauta imperialista. Assim os mapas assumem a característica ambígua de “orientar e desorientar quem o utiliza” (TEIXEIRA NETO, 2006, p. 49).

Um novo mundo e um novo parecer

Frente a uma nova e paradigmática realidade, a *descoberta* das Américas impôs uma nova necessidade epistemológica quanto à representação cartográfica dos espaços até então separados pela imensidão do Atlântico. Durante o século XVI, a Europa viu os limites do mundo conhecido se expandirem, abalando as bases seculares ocidentais, possibilitando processos de rupturas graduais e permanências em várias searas, incluindo a cartografia. É difícil quantificar os impactos da descoberta desse novo mundo, até então silente das explicações teológicas e ausentes da cartografia europeia, contudo é possível afirmar que sua *descoberta* foi um poderoso impulsionador de mudanças que já estavam em curso no velho continente.

Diante a urgência da coroa espanhola em controlar, organizar e administrar esse novo continente, surge a *Casa de la Contratación*, em Sevilha no ano de 1503. Inspirada no modelo português da Casa das Índias portuguesa, esta resultado direto de uma série de instituições menores como a Casa de Guiné e Casa da Mina, já em funcionamento desde o primeiro quartel do século XV em Lisboa, a *Casa de la Contratación*, assim como sua contraparte lisboeta, centrou-se no controle e fiscalização de suas conquistas, contudo o

modelo espanhol se diferenciava pelo enfoque de sua gestão, mais voltada a “conquista y ocupación de territorios poblados donde poder reproducir las estructuras sociales de Castilla”. (LA CERDA, 2021, p. 4).

A Casa gozou de grande autonomia política, administrativa e jurisdicional, funcionando também como uma junta de arbitragem, dedicando-se à formação e fiscalização de leis de navegação nos mares ocidentais, substituindo o *Tribunal de Almirantazgo* ao mesmo tempo em que desempenhava a função de órgão alfandegário.

Nos primeiros anos de seu funcionamento, suas atividades ficaram quase que restritas às atividades comerciais, gerenciando o fluxo de pessoas, mercadorias e a crescente burocracia. Neste período: “...las Coronas ibéricas tuvieron que establecer en un período limitado de tiempo medidas y mecanismos de control prácticos y eficaces que fueran capaces de responder a sus propios intereses políticos, económicos e, incluso, evangelizadores” (MARTÍNEZ, , 2014 p. 413)

A cidade de Sevilha, escolhida para sediar a *Casa de la Contratación*, era um espaço geograficamente privilegiado. Sua posição estratégica, fez dela o centro do comércio com o norte da África e Portugal, sendo o único porto regulamentado a receber navios que saíam e chegavam das índias (BONATO, 2018). A pujança econômica da cidade e o grande contingente populacional contribuíram para torná-la uma base perfeita para as navegações, atraindo um grande número de pessoas, algumas delas com grande experiência na *arte de navegar*. A cidade ainda contava com um grande número de portugueses exilados, pelas políticas de reafirmação de poder de D. Afonso V, o que acabou por contribuir para a concentração de capital e contingente humano especializado (LACERDA, 2021).

A necessidade de proteger a empresa colonial, domesticar a imensidão atlântica e garantir seus domínios passaram a ser as prioridades da Casa. Com a intensificação do tráfego no Atlântico, e a descoberta de novas rotas e territórios, intensificaram-se os problemas. Dos diversos problemas práticos, a determinação da posição dos navios que navegavam longe da costa era de longe o maior deles, exigindo um novo “domínio astronômico e a aplicação de operações matemáticas”, impondo assim um *novo proceder*, principalmente no tocante às técnicas cartográficas, dado que as antigas cartas portulanos⁵ não seriam capazes de servirem

⁵ Os portulanos, (do latim "*portus*", porto), eram uma espécie antiga de carta náutica usada para a navegação no Mediterrâneo, popular na Europa. Essas cartas foram essenciais para o desenvolvimento econômico e científico durante a passagem do Medievo para o Renascimento. Essa modalidade cartográfica se destaca por dois aspectos mais gerais: “1 Apesar do fato de ser do conhecimento dos navegadores que os dados relativos às terras desconhecidas não passavam de fantasia dos cartógrafos, foram os portulanos (cartas e crônicas) as bases cartográficas fundamentais para que viagens como as de Colombo, Vespúcio, Vasco da Gama e de outros tivessem, ao menos no início, um mínimo de confiabilidade. 2 [...] O nascimento da burguesia não se faz sem que se construam novas imagens do mundo e, portanto, do próprio significado de conhecimento científico. Nesse

guias náuticos no Atlântico, impondo a necessidade de outros tipos de mapas. (LACERDA, 2021, p. 4). As novas cartas, para além do correto posicionamento naval, firmaram-se como poderosos documentos de legitimação de posses no século XVI, como é possível notar no mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock, revelando o cenário geopolítico da época.

A confusão gerada em 1494 com o Tratado de Tordesilhas, que ressurgiu em 1511, chegada da coroa de Castela em Malaca atingiu seu clímax com a viagem de Magalhães às Molucas. (LACERDA, 2021). Grande parte dos conflitos estabelecidos assentou-se no campo diplomático e na impossibilidade de ambas as nações em delimitar corretamente as linhas longitudinais, servindo como outro grande propulsor do desenvolvimento de novas abordagens científicas. Martínez afirma que: “El Atlántico pasó de ser un lugar inhóspito y lleno de amenazas a convertirse en el epicentro de las relaciones internacionales, comerciales, sociales, culturales [...]” (HERNÁNDEZ, 2019 p. 10). É importante pontuar que as próprias cartas de marear e portulanos já constituíam um instrumento probatório das possessões no ultramar, efetivando-se como uma nova forma de resolução de conflitos na alvorada do período moderno. As disputas geradas entre Portugal e Espanha demonstram a urgência de ambas as potências para o estabelecimento de coordenadas mais precisas.

Sobre forte pressão de manter a atividade jurisdicional e rotas seguras, a Casa passou por uma reformulação, por meio de várias ordenanças e regimentos, na tentativa de acompanhar a complexidade de administrar um império ultramarino. Como ressalta Bonato (2018), a necessidade de se coletar informações sobre o novo mundo, tais como: rotas oceânicas e astronômicas sobre o novo mundo, fizeram com que a Espanha criasse um departamento geográfico ou cosmográfico no ano de 1508.

A resolução desses problemas exigiu uma modificação no modelo clássico de racionalizar os espaços, onde o novo mundo teve papel fundamental na construção de uma espacialidade mais matematizada, sobre os preceitos euclidianos, dada a urgência do estabelecimento de coordenadas mais fiáveis e a constante necessidade de *precisão*, que só poderiam ser atingidas pela correta delimitação das grades longitudinais e latitudinais. De ordem prática e diplomática, os problemas gerados pela expansão ultramarina precisaram ser enfrentados em terra, pelos cosmógrafos da Casa de la Contratación.

âmbito, é a retomada da matemática como linguagem científica universal, no redimensionamento dos conceitos de espaço e tempo, que vai se expressar numa nova maneira de desenhar o mundo – a geometrização das formas -, materializando, nos cartogramas, as novas necessidades impostas pelo capitalismo mercantil nascente, cf. SANTOS, 2002, p. 56 apud, OLIVEIRA, Altino Sérgio Dias De. **A Cartografia como Representação e Legitimação da Conquista da América Portuguesa no Século XVI**, 2018, p. 49-50.

El piloto mayor y el Cosmógrafo

O grande fluxo de embarcações e pessoas no atlântico contribuiu para a grande profusão de informações geográficas e cartográficas que deveriam ser processadas e organizadas. Neste intuito, em 1508, na junta de Burgos, criou-se o cargo de *piloto mayor*, a primeira e mais alta patente científica do império espanhol. (MARTÍNEZ, 2010).

O cargo, a ser desempenhado em Sevilha, destinava-se à formação e exames dos *pilotos de carreira de Índias*, devendo compensar a baixa instrução dos pilotos, preparando-os para realizar as complexas operações astronômicas e matemáticas aumentando a eficiência na condução das embarcações, dando provimento à real cédula de 6 de agosto de 1508 emitida por D. Joana, filha de Fernando o Católico que estabelecia: "(los pilotos) sean instruidos y sepan lo que es necesario saber en el cuadrante e astrolabio para que junta la plática con la teórica se puedan aprovechar dello en los dichos viajes que hicieren". (MERÁS, 2004, p. 669)

Também deveriam aprovar, corrigir e produzir cartas de marear e instrumentos náuticos assim como ficava encarregado da elaboração e controle do *padrón real*⁶. A fragmentária informação absorvida em Sevilha sobre o novo mundo passava por um processo de seleção, comparação e depuração cabendo ao *piloto mayor* a confecção de um modelo único de representações, um guia uniformizado para os pilotos da carreira de Índias, conhecido como *padrón real* que após confeccionado, deveria ser mantido em segredo (LA CERDA, 2021).

Muito versados na arte de navegar, os *pilotos mayores* foram fundamentais para a confecção das cartas de marear. Este *savoir faire* pode ser considerado como:

El germen de la primera escuela técnica europea, donde el desarrollo y aplicación del conocimiento científico estaba dirigido a las mejoras de la navegación de altura oceánica. En la época de las exploraciones, si la cartografía poseía la virtud de abrir las ventanas del imperio, la navegación constituía el auténtico ojo del reino. (LA CERDA, 2021, p. 7)

Segundo Merás (2004), o incremento das viagens ao novo mundo foi seguida por naufrágios, forçando as autoridades régias a buscar soluções para a preservação da empresa colonial. A pouca capacitação científica dos pilotos se devia à insuficiência do próprio *piloto mayor*, no desempenho de suas atribuições. A inabilidade de traduzir os conhecimentos teóricos pelos primeiros *pilotos mayores*, forçou um “ensino mais regrado e controlado por parte da Casa de la Contratación”. (MERÁS, 2004, p. 669) . La Cerda reforça a tese de que “a

⁶ Todas as cópias feitas pelos cosmógrafos deveriam ser cópias da carta oficial do império, o *padrón real*. Esta por sua vez reunia todos os conhecimentos náuticos de forma padronizada, atualizada e contingenciada pelo Estado. cf. BONATO, 2018, pp. 118-119

experiência de navegação já adquirida não era, no entanto, garantia de sucesso das viagens, uma vez que algumas das rotas pretendidas eram rotas de descobrimento, ou seja, navegação no desconhecido” (LACERDA, 2021, p. 9). A instrução dos pilotos passou à cátedra cosmográfica, devendo ensinar a prática e a teoria, o que significava conjugar o uso adequado de instrumentos com as cartas náuticas.

Com os preparativos da viagem de Magalhães, a *Casa de la Contratación* atribuiu novos cargos para auxiliar nos trabalhos cartográficos, os “maestros de hacer cartas de marear.” (LACERDA, 2021, p. 9). O primeiro homem a ocupar o cargo foi Nuño Garcia de Torenó. O cargo exigia um grande domínio e competência nas áreas técnicas e artesanais, operando exaustivamente a redução e ampliação de escalas e a confecção de instrumentos náuticos, sendo ocupado portanto por pessoas com um alto grau de literacia -“ ...los cosmógrafos de la Casa con formación científica eran personas graduadas en las Facultades de Artes españolas, italianas [...]” (MARTÍNEZ, 2010, p. 618)

Dos cosmógrafos que ocuparam o cargo destacam-se o português Diogo Ribeiro (1523- 1534), Diego Gutiérrez (1534) e Alonso de Santa Cruz (1536), seguinte Gaspar Rebelo e Pedro Mexia (1537), Sancho Gutierrez, filho de Diego Gutierrez (1553) e seu irmão Diego Gutiérrez (1552). Já no ano de 1563 foi criado o cargo de *Cosmografo Mayor de Indias* e também o cargo de *Cosmografo de la Armada de Indias*.

A cunhagem do termo *cosmógrafo* é atribuída a Cláudio Ptolomeu⁷ no século II a.C, na cidade de Alexandria, a partir de seus estudos sobre geografia e cartografia. O termo relacionava-se, com uma espécie de “filosofia física”, onde a construção do universo estaria intimamente ligada à forma de se pensar e se relacionar com determinada espacialidade (SOBREIRA, 2012, p. 60). Na Ibéria o termo teria ressurgido no século XV em Portugal, entre os anos de 1416 a 1419 e sua propagação para Castela pode ser tomada como resultado do grande trânsito cultural dos oficiais que prestaram serviços à Casa.

⁷ Por volta de 150 d.C o astrônomo Cláudio Ptolomeu escreveu um tratado intitulado *Geographiké Hyphênesis* (Esboço Geográfico) que viria a ser conhecido simplesmente como geografia. Ptolomeu compilou um texto que afirmava descrever o mundo conhecido e que definiria a cartografia pelos dois milênios seguintes. Escrito em grego em um rolo de papiro, com oito seções ou “livros”, a *Geografia* resumia mil anos de pensamento grego sobre a forma e o alcance do mundo habitado. Ptolomeu definia sua tarefa de geógrafo como sendo a de “mostrar o mundo conhecido como uma entidade única e contínua, sua natureza e como ela se situa, levando em conta somente as coisas que estão associadas a ele em suas linhas gerais mais amplas”, que ele listava como sendo “golfos, cidades grandes, os povos e os rios mais notáveis, e as coisas mais dignas de nota de cada espécie”. A Geografia que resultou disso era muitas coisas ao mesmo tempo: um relato topográfico da latitude e longitude de mais de 8 mil lugares na Europa, Ásia e África; uma explicação sobre o papel da astronomia na geografia; um guia matemático detalhado para fazer mapas da Terra e suas regiões; e o tratado que proporcionou à tradição geográfica ocidental uma definição duradoura de geografia. cf. BROTTON, 2014, p. 2.

A função dos cosmógrafos da *Casa de la Contratación* era demasiadamente complexa e sua inserção como cargo científico estava relacionada à facilitação da navegação e na manutenção das possessões da coroa. A cosmografia destacou-se ainda pelo estudo dos astros mediante cálculos de latitude, consistindo na observação “da altura ou do arco vertical que mede a distância entre o sol ou a estrela polar com o horizonte ou por meio do sol com tabelas de declinação” (MARTÍNEZ, 2010, p. 619). Contudo, ainda no início do século XVI a determinação da longitude tornou-se o foco dos estudos cartográficos. A longitude conjugada com a latitude possibilitaria aos marinheiros a marcação dos graus e fixar com exatidão a posição da embarcação. A observação realizada em terra firme tinha como objetivo traçar o posicionamento das embarcações, por meio da matemática euclidiana e das concepções de Ptolomeu, buscando soluções teóricas para os problemas práticos no mar. (MERAS, 2004, p. 669).

A busca por reformular os métodos de navegação por meio das operações matemáticas relacionadas com seu ofício, construiu uma utilidade para a ciência dentro do sistema burocratizado da monarquia dos Habsburgo. As armas garantiram a conquista, mas a consolidação dos domínios só efetivou-se pelo uso do compasso dos cosmógrafos, onde os mapas desempenharam papel fundamental para os interesses régios de demarcação possessória. (HARLEY, 2009).

A racionalização dos espaços na primeira modernidade

Segundo Padron (2002), foi na modernidade que uma nova perspectiva cartográfica assumiu a centralidade na ciência cartográfica, impactando toda a forma de construção dos espaços desta ciência, onde todo o espaço passa a ser captado.

É pelo continente Americano e pelo Atlântico que se opera uma importante transposição das formas de se compreender como os espaços são pensados. Essa transliteração cartográfica europeia deflagrou um processo, ainda em estágio embrionário, de construção das bases da cartografia como a conhecemos. O século XVI é portanto um momento de revolução para a representação espacial geográfica já que ao cristalizar as planificações matematizadas em grades geométricas, os cosmógrafos europeus acabam por inaugurar uma espécie de linguagem cartográfica universal, onde a cartografia passaria a ser lida à partir de uma só formatação.

Antes que se operasse essa verdadeira revolução cartográfica, iniciada no século XV, a *graphia* tradicional do mundo medieval ocidental buscava orientar o espírito mais do que o homem, assumindo uma natureza metafísico-pedagógica onde sua cognição firmava-se no campo simbólico. Em outras palavras, os *mappaemundi* apresentavam uma formatação destinada a conduzir prioritariamente os passos do homem no mundo físico em direção ao paraíso, demonstrando uma forma de racionalização espacial cultural de fundo teológico-moralizante. A derivação da cartografia de Ptolomeu, reintroduzida no ocidente em fins do século XIV, pode ser entendida respectivamente por uma modificação gradual e contínua da visão teológica e pela recomposição das estruturas mentais quanto à organização espacial. A formatação das grades geométricas, não só permitiram aos cosmógrafos do século XVI criar modelos cada vez mais acurados como possibilitou a *cognição dos espaços* não conhecidos. Neste sentido:

That space is not merely the blankness produced by ignorance of an un-discovered geographical or hydrographical feature—a “negative emptiness”— but the abstract space into which geographies and hydrographies are plotted—a “positive” emptiness. It subtends the entire surface of the map, but its “positive emptiness”—its substantial independence from the objects and locations it serves to plot—only becomes visible when we realize that it logically extends far beyond the borders of the image. It extends into that vast part of the spherical Earth that is not represented here, but whose existence is presupposed by the geometry of the grid. (PADRÓN, 2002, p. 31)

Assim sendo, o vazio intangível é capturado, tornando a cosmografia um instrumento de grande funcionalidade para a demarcação dos domínios já que oferecia uma estrutura palpável à legitimação de posse.

Segundo Padrón (2002), o século XVI pode ser classificado como o século do *espaço*, momento este que se torna uma extensão abstrata bidimensional, adequando-se aos planisférios gradeados. Somente neste período, o termo *espacio* e sua correspondente latina *Spatium*, tornam-se equivalentes nos trabalhos desenvolvidos pelos cosmógrafos comportando o significado de área⁸, pela conjugação entre longitude e latitude, algo que não se verifica antes do período da expansão ultramarina. Assim *espacio*⁹ começa a tomar uma dimensão temporal imaginativa agregando área e distância em detrimento a uma visão linear. No entanto, os estudos filológicos demonstram que a língua vernacular não acompanhou essa

⁸ Área é um conceito matemático que pode ser definido como quantidade de espaço bidimensional, ou seja, de superfície.

⁹ Textos dos séculos XVI e XVII escritos por espanhóis que não eram “cosmógrafos” de qualquer tipo, quase nunca exibiam esse uso da palavra *espacio* como área abstrata. Mesmo nas formas altamente alfabetizadas do espanhol moderno, *espacio* era muito mais provável de ser usado, como havia sido por muitos anos, para se referir ao tempo em vez do espaço, de maneira semelhante ao moderno *despacio*. (PADRÓN, 2002, p. 34 tradução do autor)

nova composição espacial bidimensional, comportando uma dimensão unidimensional, o que demonstra o grande “represamento” da ciência cartográfica da era moderna.

Para Pietro Janni (1985), essa transformação de cultura cartográfica moderna só foi possível pelo salto cognitivo que os navegadores promoveram durante o período pré-moderno. Até a época medieval a orientação náutica dependia de um tipo de mapa conhecido como portulano, originalmente discursivas (escritos) não possuindo qualquer representação iconográfica e restritas à navegação costeira junto ao mediterrâneo (JANNI, 1985, apud PADRÓN, 2002). Como forma de orientação, assemelham-se aos mapas itinerários (mapas representativos de rotas-mapas de *ir e vir*), dado que destinavam-se a guiar o navegador de um ponto a outro, limitando-se a descrever a costa.

A introdução da bússola e do compasso, contribuíram para o desenvolvimento de uma natureza gráfica aos antigos portulanos, o que segundo Janni, revela que o espaço unidimensional cedia gradualmente seu lugar à uma nova forma de mensurar o mundo, substituindo uma forma “mais abstrata e simbólica por uma mais quantitativa e racional”. (PADRÓN, 2002, p. 50). Em síntese, a imaginação da bidimensionalidade parte da concepção unidimensional. Com a projeção oceânica para além dos limites conhecidos, esse tipo de carta náutica torna-se insuficiente. Com seus limites alcançados, a navegação com base na astronomia tornou-se um caminho mais adequado às necessidade impostas a esse novo *orbe*, onde essas cartas começam a esboçar, cálculos, escalas de latitude e às vezes grades completas, gerando um híbrido: as cartas náuticas. (PADRÓN, 2002).

Para Lestringant (1994), o oceano teve papel central para o desenvolvimento e adoção do sistema de grades, já que consiste em um espaço abstrato por excelência, desprovido de geografia, pontos de referências ou caminho, proporcionou o salto conceitual necessário para superar a espacialidade unidimensional. É a partir da realidade material de domesticar essa nova realidade oceânica que a abstração começa a tomar contornos durante a modernidade pelas mãos dos cosmógrafos, onde plano e linha, unidimensionalidade e bidimensionalidade coexistem em uma só superfície.

Essa revolução cartográfica do século XVI ao XVIII, se opera justamente na universalização de um tipo de representação como dominante, afastando qualquer outra forma de representação espacial alternativa. “The cartographic revolution changed this, not just because it introduced geometrically rationalized maps where before there had been none, but because it established one type of map as the hegemonic kind.” (PADRÓN, 2002, p. 42). Durante os séculos XV ao XVIII, operou-se uma mudança na cultura de leitura do mundo físico, criando uma espécie de linguagem cartográfica homogeneizadora e que por meio do

apoio das instituições envolvidas no processamento geográfico, cristalizou-se como uma visão hegemônica.

Contudo, é importante ressaltar que no Reinado de Felipe II, grande entusiasta dos estudos cartográficos e matemáticos, essa nova forma de representar o mundo não era a única e nem a dominante, convivendo muitas vezes com elementos da tradição medieval. Para Padrón (2002), os mapas do período devem ter sido relativamente raros, restritos a certos círculos sociais e institucionais (entre navegadores, por exemplo). Para o caso do mapa *Americae sive Quartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio*, objeto da presente análise, sua rica composição alegórica, feita por um gravurista de renome, sugere que seu valor (caro, portanto um objeto de luxo) poderia efetivamente limitar o alcance de sua circulação, estando direcionado a um pequeno círculo social. Neste diapasão: “Without affordable, readily available printed maps to support the development of cartographic literacy, it is hard to imagine how a revolution in spatiality based on scientific mapping could be generalized”. (PADRÓN, 2002, p. 32).

É necessário, portanto, afastar a ideia de uma revolução generalizada, sendo entendida em seu estágio inicial de desenvolvimento de uma nova racionalidade frente aos espaços. A existência de outros documentos cartográficos como os portulano e as evidências filológicas apontadas por Padrón demonstram que essa revolução não se opera apenas no campo das representações planejadas pelas cartas, mas também revolucionou o próprio conceito semântico e cognitivo da palavra espaço, mesmo que confinada à um pequeno círculo social.

Americae sive Quartae Orbis Partis: tradição e experiência

Durante todo o século XVI os mapas parecem conviver com um conflito, oscilando entre a moderna racionalização dos espaços e a tradicional forma de representação cartográfica medieval baseada em alegorias. O mapa *Americae sive Quartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* (Uma nova e mais exata descrição da América ou do Quarto Mundo), de 1562, de Diego Gutierrez e Hieronymus Cock, é um exemplo dessa modalidade de representação, apresentando um Atlântico repleto de perigos representados pelos monstros

marinhos¹⁰ e uma América do sul capturada por uma perspectiva já sintomática da cartografia moderna.



Figura 1. *Americaë Sive Qvartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio*, mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Impresso na Antuérpia no ano de 1562. Fonte: Divisão de Geografia e Mapa da Biblioteca do Congresso Washington, DC. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342> . Acesso em: 20 de maio

¹⁰A sea monster will be defined as an aquatic creature that was thought astonishing and exotic (regardless of whether in fact it was real or mythical) in classical, medieval or renaissance times. cf. DUZER, Chet Van. *Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps.*, 2014, pp. 8-9.

de 2022.

É importante pontuar que algumas suspeitas sobre a autoria foram levantadas por alguns estudiosos, como Paul Chaix. O autor realizou estudos quanto as grafias inscritas no mapa em sua obra *Mémoires de la Société de Géographie de Genève* de 1868 e conclui que os nomes no mapa eram originalmente escritos com algum tipo de Espanhol italianizado, o que teria ocasionado erros, por parte do gravador holandês, ao copiá-los não apenas nos nomes mas também com relação às localizações, o que poderia sugerir que a produção poderia ter sido uma encomenda da própria Casa de contratação ou uma mera cópia de algum mapa em circulação à época. (LEGEAR, 1949, p. 18). Outrossim é o fato de:

Although the map is dated 1562, it shows none of the geographical discoveries made in preceding decades. Drawn at a time when important explorations were increasing the geographical Knowledge of the new world, it reflects neither the contemporaneous French Explorations in North America nor those of the Spaniards in South America (LE GEAR, 1949, p. 18).

Para Hébert:

Substantial mystery surrounds this map more than four hundred years after its creation. Confusion over its authorship, the location of its printing, and the reasons even for its preparation remains. The fact that only two known copies of this printed map are extant, one located in the Library of Congress (Washington, D.C.) and the other preserved in the British Library (London) no doubt contributes to our lack of knowledge about this valuable and authoritative depiction of Spanish dominion in its new world, America. (HÉBERT, 2020)

Dado que os resultados ainda são inconclusivos, a presente análise alinou-se ao entendimento mais difundido no meio acadêmico, admitindo a autoria de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock do mapa *Americae sive Quartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio*. Dos dois autores sabe-se pouco sobre a figura de Diego Gutiérrez, filho de cosmógrafo respeitável de mesmo nome, ficou a cargo da produção de cartas náuticas e responsável pela fabricação de instrumentos usados nas viagens oceânicas, estabelecido primeiramente em Cádiz até a partida da armada de Magalhães, e posteriormente na cidade de Sevilha onde teria se associado à pilotos e cosmógrafos da *Casa de la Contratación*. O cosmógrafo mantinha boas relações com Sebastian Caboto já no ano de 1534. (LEGEAR, 1949, p. 19). Essa aproximação, extremamente vantajosa para Diego Gutiérrez, fez com que Caboto o apresentasse ao rei, sendo recebido como cosmógrafo e cartógrafo oficial da Casa no ano de 1554.

O gravador antuérpio Hieronymus Cock, vinha de uma longa tradição artística familiar, onde seu talento como artista o rendeu a admiração da Guilda de São Lucas¹¹, sendo admitido nesta como mestre pintor em 1545, envolvendo-se mais tarde com gravuras e venda de suas obras. Segundo LeGear entre 1546 e 1548 realizou trabalhos de gravação na Itália, o que contribuiu para sua projeção no cenário artístico. Por volta de 1550 à 1570 já havia construído seu nome como homem de sucesso na Antuérpia popularizando a arte, emprestando suas gravuras aos melhores mestres holandeses, Na área cartográfica destacou-se pela gravação de muitos mapas, sendo um dos mais famosos o *Theatrum orbis terrarum* de Abraham Ortelius. (LEGEAR, 1949, p. 19).

A imensa composição pictórica do mapa de Gutiérrez e Cock nesta carta, extremamente elaborada, reproduziu muitas das alegorias difundidas nas sociedades européias durante o período medieval. Em uma primeira análise, a composição pictórica de Cock parece remeter à fórmula cartográfica medieval, baseada no gênero literário muito popular na Europa da época medieval, os bestiários. Derivados do *Physiologus* medieval¹², cuja autoria permanece obscura, e da História Natural de Plínio¹³, os bestiários emprestaram suas alegorias monstruosas por séculos à cartografia ocidental. Sobre o controle da igreja católica os bestiários representavam os animais do mundo conhecido, ao mesmo tempo em que transmitia sua retórica catequética.

Segundo Varandas (2006), um bestiário possuía pequenas narrativas para cada animal ou monstro, divididas em duas partes: a descrição e a moralização. Essas narrativas são

¹¹ Guilda de São Lucas foi uma corporação de artífices que regulou a produção de imagens em Antuérpia e Haarlem. Jan van der Stock argumenta que a guilda foi responsável por traçar as origens e a posição social das primeiras oficinas de impressão na cidade. Hieronymus Cock foi o primeiro, dos produtores, a ingressar em São Lucas, em 1546. A guilda não apenas regulamentou o mercado artístico flamengo, como financiou obras de interesses políticos e religiosos que estivessem de acordo com as conveniências do governo central. As políticas de censura, que atravessaram as décadas de 1550 e 1560, passaram a orientar a produção de imagens a partir das diretrizes da guilda, com o objetivo de identificar e proibir impressos e pinturas consideradas subversivas.²¹ Em 24 de novembro de 1557, o rei Filipe II teria determinado que o conselho da cidade criasse uma guilda para regulamentação de editores em Antuérpia cf. DUZZI, 2021, p. 20

¹² O *Physiologus* pode ser entendido, como parte de um folclore que teve seu início em uma época muito antiga, possuindo, porém, uma forte influência na literatura e nas artes até os dias de hoje. É uma compilação de lendas das mais diversas origens que, apesar da suposição de raízes primeiras pagãs, ocupou um lugar de destaque no simbolismo do mundo cristão, após adquirir contornos simbólicos condizentes com o cristianismo. Derivado da palavra grega φυσιολογία (de ή φύσις, “natureza”, e ó λόγος, “palavra ou razão”), Michael Curley em seu livro *A Medieval Book of Nature Lore* (1979, p. 184), compila uma série de significados propostos por autores como Aristóteles, Cicero e Plutarco, concluindo que seu título deve ser interpretado como “O Naturalista” e que, originalmente, deveria ser reputado como uma referência a uma pessoa, já que a mesma teria se proposto a escrever sobre o mundo natural. cf. Curley, 1979, pp 79-184 apud AZEVEDO, Bárbara Jugurta de Oliveira Rocha. *Physiologus: a tradução de uma tradição medieval*, **Medievalis** v.8, n. 2, 2019, p. 2

¹³ Datando do ano 77 d. C, é uma obra extensa que deu origem à uma longa tradição de descrição, onde são descritos animais de todos os tipos, uns reais, outros produtos da fértil imaginação do autor. Plínio escreveu sua obra sem a intenção de zombar ou confundir os leitores e, assim, a mistura de verdade do maravilhoso proporciona ainda maior atração. FRANCESCATO, 1977, apud HERNÁNDEZ, 2019, p. 55.

tomadas como exemplo simbólico dos vícios e virtudes dos ensinamentos religiosos, não tendo qualquer papel de transmitir um conhecimento racional sobre o mundo, mas como elementos que revelavam a vontade de Deus para com o homem e como agir durante a vida, guiando a humanidade à verdade espiritual. Durante a Idade Média, sua popularidade só foi ofuscada pela própria bíblia se caracterizando como “um texto híbrido, revelando-se, ao mesmo tempo, como livro naturalista, livro maravilhoso, livro de estudo, livro mnemônico, livro exegetico, livro didático e livro alegórico”. (VARANDAS, 2006, p. 22, apud, AZEVEDO, 2019, p. 14).

Mesmo que tenha se formado como um gênero popular no medievo, os bestiários comportaram mudanças ao longo dos séculos. Azevedo (2019), traça algumas das possíveis causas de mudanças, atribuindo-as a problemas de tradução para outros idiomas e sua adaptação a novos públicos ou a novas épocas, revelando a dinâmica dessa simbologia ao longo dos séculos, onde alguns dos aspectos moralizantes adquirem uma nova semântica. No tocante à cartografia, esses monstros revelam as prioridades culturais da cristandade medieval ao racionalizar seus espaços, cimentados em um sentido mais espiritual do mundo “em detrimento de sua aparência física”. (PADRON, 2002, p.29).

Contudo, a Europa do século XVI experimentou um momento de uma maior abertura religiosa, econômica e cultural, sem o monopólio da igreja católica, contribuindo para uma reorganização das estruturas mentais, agenciando uma releitura dos monstros e seus significados na cartografia. (HERNÁNDEZ, 2019). Kesley (1987) lembra que as ilustrações dos monstros nos mapas do período não devem ser tomadas como sinais de ingenuidade ou de credulidade por parte dos cartógrafos modernos, mas como apropriação dessa iconografia para seu próprio aprendizado, sinalizando também sua erudição. Os estudiosos do Renascimento esperavam ver essas histórias como prova de que os autores conheciam e usavam essas fontes padrão. Segundo o autor, seus usos serviam para orientar nobres e leitores renascentistas, funcionando como notas de rodapé nos trabalhos acadêmicos de hoje (KELSEY, 1987, pp. 44 - 45).

O cartógrafo, além de orientar o espectador, o empodera, já que ao fazer os monstros emergirem das profundezas, estaria revelando, metaforicamente, o conhecimento antes submerso que passa a ser conhecido pelo espectador que participa de uma visão sobrenatural do mundo. (DUZER, 2014, p. 12).

Duzer (2011), acrescenta a função de registro literário aos monstros, onde sua natureza simbólica e aglutinadora de dados de geografia do maravilhoso, serviriam como

sinalizadores de perigos naturais para os marinheiros. Para o autor, os monstros são também elementos decorativos que animam as cartas sugerindo o perigo do próprio mar, onde a composição pictórica pode servir como ênfase visual ou como evidência do talento artístico do cartógrafo. (DUZER, 2011, p 116). Relembrando sua natureza mutável, Hernández (2019) revela que durante o período, os monstros acomodaram novos significados, muitas vezes conjugados a elementos tradicionais. Para ele, os monstros podem figurar como pontos de referência geográfica ou como formas de representar a própria natureza, sem prejuízo de seu significado tradicional. Os monstros revelam uma possível reorganização da arquitetura mental das sociedades durante o século XVI, onde passam a comportar uma nova gama de significados baseados nos valores humanistas.

A análise da composição pictórica do mapa de Gutiérrez e Cock pode fornecer indícios das modificações semânticas e epistemológicas desses monstros durante o século XVI. As sereias, são apresentadas nas gravações de Cock, nas proximidades do estreito de Magalhães. Descritas nos bestiários medievais como criaturas híbridas, transmitiam um ideal moralizante sobre a natureza inconstante do homem incapaz de se afastar dos pecados¹⁴. Contudo, o estreito, considerado de difícil navegação pela sua largura e de clima hostil, adequa-se bem à de seu uso como um indicativo de perigo, assumindo uma semiótica geográfica conjugada à sua antiga função moral cujo seu objetivo é atrair o homem para a morte certa.



Figura 2. Sereias no estreito de Magalhães. Fragmento retirado do mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Fonte: Divisão de Geografia e Mapa da Biblioteca do Congresso Washington, DC. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342> . Acesso em 22 de Junho de 2022

Outro elemento muito tradicional da cartografia medieval e que figura no mapa de Gutiérrez e Cock de 1562 são as baleias. Assim como as sereias, essas figuras alegóricas representam a enganação dentro do pensamento hierofânico no medievo. Sua inclusão faz alusão a uma antiga história sobre marinheiros que as confundiam com ilhas. Essa história

¹⁴ Malaxecheverría, I. (2002). **Bestiario Medieval**. Madrid: Siruela, p.41

remete aos bestiários, onde simbolizava “o efeito dos hereges e do demônio sobre aqueles fáceis de se convencer.” (HERNÁNDEZ, 2019, p. 66). A representação de baleias nas cartas medievais representavam um perigo real aos navegadores, já que poderiam arrastar os barcos às profundezas do mar. Suas imagens sugerem que durante o século XVI, esse animais representassem um perigo real para as embarcações, como sugere o relato de Gómara:

Así, por lo menos, parece que ocurrió con uno de los dos bergantines que al mando de Francisco Pizarro se dirigían desde el poblado de San Sebastián – en Urabá – a la Española. ‘Sobrevínoles navegando una tormenta, que se anegó el uno, y fue la causa cierto pece grandísimo, que con andar la mar turbada nadaba fuera del agua. Arrimóse al bergantín como a tragárselo, y dióle un zurriagón con la cola, que hizo pedazos el timón, de que muy atónitos fueron considerando que los perseguía el aire, la mar y peces, como la tierra’ (FRANCISCO LÓPEZ DE GÓMARA apud SALAS, 1968, p. 29).



Figura 3. Baleias. Fragmento retirado do mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Antuérpia, ano de 1562. Fonte: Divisão de Geografia e Mapa da Biblioteca do Congresso Washington, DC. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342>. Acesso em 22 de Junho de 2022

O mapa *Americae Sive Qvartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* traz um grande destaque à Felipe II, imperador do *Plus Ultra*, trajado como os césares, atravessando os mares, acima do trópico de Câncer, em uma biga guiada por Netuno. Acima do rei católico Eros parece trazer consigo uma coroa de louros, antigo símbolo de vitória na roma antiga. A composição de Cock demonstra a natureza retórica das alegorias no século XVI.

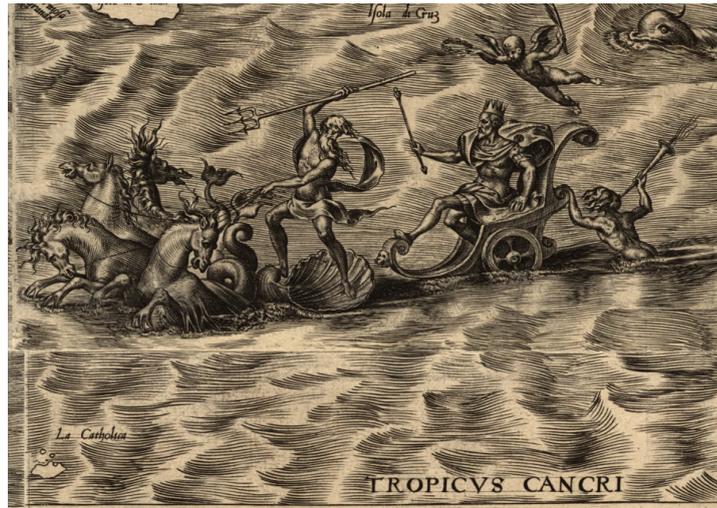


Figura 4. Felipe II “rei e mestre dos mares”. Fragmento retirado do mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Antuérpia, ano de 1562. Fonte: Divisão de Geografia e Mapa da Biblioteca do Congresso Washington, DC. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342> . Acesso em 22 de Junho de 2022

Os cartógrafos do período não foram capazes de determinar as longitudes através dos oceanos, o que acabou gerando problemas quanto à demarcação de posses. Até então os únicos documentos que afirmavam a posse eram bulas papais. A questão possessória se transformou em uma acirrada disputa diplomática, discutida por diversos juristas e teólogos da época, levando à conclusão de que o Papa não poderia ceder o que não lhe pertencia.

No cenário político internacional, a Espanha só poderia ter legitimada a posse territorial das áreas efetivamente ocupadas por ela. As outras potências europeias, entre os séculos XVI e XVII, à exceção de Portugal, reconheciam apenas uma linha como zona de influência de Castela, o trópico de Câncer, convenientemente explorada pela Espanha. Além da facilidade de localização do trópico pelos navegadores, o trópico ainda atravessava o estreito da Flórida, formando um canal seguro com sua possessão cubana ao sul. Assim nenhum navio poderia entrar nas Índias Ocidentais, Caribe ou no golfo do México sem cruzar o trópico, garantindo à Espanha o monopólio do comércio americano e a segurança de suas frotas com ouro e prata. (HERBERT, 2020).

Com o monopólio ameaçado pelos corsários franceses, a Espanha tomou um conjunto de medidas para persegui-los e eliminá-los em qualquer faixa abaixo do trópico de Câncer. A alegoria de Cock representa portanto a retórica imperial espanhola, onde Felipe II se torna o senhor dos mares, alusão trazida pela imagem do deus Netuno, que o leva em seu triunfo¹⁵

¹⁵ O triunfo – um elaborado ritual celebrando vitórias militares de Roma sobre povos estrangeiros – era uma das mais importantes instituições da Roma antiga, um ritual ao mesmo tempo religioso e político, militar e espetacular. Uma das maiores honras que um homem romano poderia alcançar, o triunfo atravessou a cidade de Roma do início da República até os períodos imperiais. O triunfo era uma instituição quintessencialmente romana, incorporando aspectos fundamentais da visão evolutiva que Roma tinha de si mesma em termos de força militar e domínio mundial cf. POPKIN, 2016, p. 2, apud CUNHA, Dias de glória: uma análise sobre o triplo

contemplando o poder e a vitória do monarca católico, nas águas do atlântico norte sobre os inimigos franceses. A imagem fornece um marcador geopolítico, ao delimitar a zona de influência do império espanhol. O mapa de Gutiérrez e Cock apresenta o contexto de produção do mapa a partir das composições clássicas. Para Herbert:

Gutiérrez's magnificent 1562 map of America has rarely gained of America was not intended to be a scientifically or navigationally exacting document, although it was of large scale and remained the largest map of America for a century. It was, rather, a ceremonial map, a diplomatic map, as identified by the coats of arms proclaiming possession. Through the map, Spain proclaimed to the nations of Western Europe its American territory, clearly outlining its sphere of control, not by degrees, but with the appearance of a very broad line for the Tropic of Cancer clearly drawn on the map. (HERBERT, 2020).

A introdução dos brasões de armas da Espanha e França no canto superior direito do mapa, uma adição de Antoine Perrenot de Granville, grande patrocinador de obras artísticas de Cock, e negociador do tratado de Cateau Cambresis, celebra o fim de um conflito de quase trinta anos de conflitos na Europa ocidental selada pelo casamento de Isabel de Valois, Filha de Henrique II, rei da França com Felipe II da Espanha em 1559. (HERBERT, 2020). O mapa de Gutiérrez e Cock faz uso de elementos da tradição clássica, para incrustar um elemento discursivo celebrativo. O brasão é unido pela figura alada do deus Eros¹⁶ tendo ao seu fundo a Deusa Vitória. A carta torna-se também um memorial da vitória sobre os conflitos entre as principais potências coloniais pela união entre a Casa dos Habsburgo e Valois.



Figura 5. Brasões de França e Espanha. Fragmento retirado do mapa de Diego Gutiérrez e Hieronymus Cock. Antuérpia, ano de 1562. Fonte: Divisão de Geografia e Mapa da Biblioteca do Congresso Washington, DC. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.gmd/g3290.ct000342> . Acesso em 22 de Junho de 2022.

Gutiérrez e Cock demonstram contornos bem acurados à época, demonstrando que essa captura do Novo mundo passava por uma reestruturação espacial. A redescoberta da

triunfo de Otaviano, em 29 a.C, (2020) p.175

¹⁶ Eros é o Deus do amor. De personalidade instável, passou por diversas transformações durante a época arcaica até a época romana. Nascido da terra e gerado a partir do Caos primitivo, é responsável pela continuidade das espécies mas também pela coesão interna do Cosmo. cf. GRIMAL, 2005 p. 148

Geographia de Ptolomeu II e a exploração ibérica para além dos pilares de Hércules no século XV deslocaram o eixo das navegações mediterrânicas para o Atlântico, criando novos questionamentos sobre como representar o mundo. Em um primeiro momento, as necessidades firmaram-se tão somente a formulação de rotas seguras. Mas durante o século XVI a cartografia se transformou gradualmente em um instrumento possessório onde a ciência cartográfica nascente se ajustou muito bem. (OLIVEIRA, 2018).

Frente ao questionamento das bulas papais, a cartografia se firmou como uma possibilidade viável de legitimação, servindo como "certidões de nascimento desses novos territórios incorporados". (OLIVEIRA, 2018, p. 48). O cenário de disputa acirrada, contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de representação cartográficas que buscavam capturar, em suas linhas, o mundo de forma mais racional e realista. O realismo, permitia ao cartógrafo acomodar com mais exatidão os espaços geográficos incorporados, eliminando as dúvidas sobre a posse de determinada região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Europa do século XVI foi palco de profundas modificações, alavancadas por processos culturais, como o renascimento, responsável por reavivar a antiguidade clássica, possibilitando a releitura de obras até então esquecidas, como as de Cláudio Ptolomeu, Plínio e Euclides. Combinadas à tradição cristã, o velho continente tentava explicar o mundo sobre a ótica da experimentação europeia. Ausente dos conhecimentos clássicos e silente nas explicações bíblicas, a América testa os saberes europeus forçando-os apresentar novas soluções às frequentes *perguntas* feitas por esse Novo Mundo.

Com o auxílio de Plínio e dos bestiários, os cosmógrafos medievais buscavam uma explicação para o mundo, inóspito e desafiador, onde seus monstros tornaram-se metáforas da hierofania e provas do domínio sobre os conhecimentos dos cosmógrafos sobre as maravilhas do mundo. A emergência do continente americano, por sua vez, desafiou os antigos saberes europeus. A necessidade de chegar, de estabelecer rotas seguras para o continente americano representaram grandes desafios para os cosmógrafos europeus. O Atlântico e sua imensidão desconhecida e abstrata era o caminho a ser transposto pelos navegadores do século XVI. Dos desafios implantados como a curvatura da terra e da necessidade de se delimitar a longitudes, a navegação recorreu aos antigos tratados de geografia de Cláudio Ptolomeu que ao ser conjugada a matemática euclidiana deveriam trazer soluções a esses novos problemas. É pois, pela experiência com a realidade material, operada pelos clássicos, que plano e linha se

fundem, redefinindo o conceito de *espaço*, operando o salto cognitivo necessário para a construção de novas formas de se representar os espaços.

Na Espanha de Felipe II, é na Casa de la Contratación, a primeira instituição dedicada aos estudos náuticos da era moderna, que muitas dessas respostas começam a ser desenvolvidas pelos cosmógrafos reais e seus compassos. A crescente necessidade de assegurar os domínios dos territórios americanos incorporados ao império, contribuiu para a formação de abstrações mais precisas, já que mapear se tornou sinônimo de afirmação da posse. Os mapas passaram a ser documentos legítimos no cenário geopolítico conflitivo da época, onde as principais potências coloniais disputavam palmo a palmo as terras desse novo continente.

A análise iconográfica do mapa *Americae Sive Qvartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* de 1562, demonstra muitas das soluções dadas pelos cartógrafos da época. Mesmo diante a emergente ciência moderna atribuída às cartas do período, a análise do mapa de Hieronymus Cock e Diego Gutiérrez, revela que este processo se operou de forma gradual comportando permanências de elementos tradicionais em constante negociação e reconfiguração determinados pelos contextos culturais à época. O mapa, um amálgama entre tradição e experiência, combina duas formas de racionalização dos espaços, onde o modelo espanhol, muito influenciado pelo Atlântico, se funde à composição alegórica renascentista de Cock.

As composições de Cock, despidas de seus propósitos estritamente exegéticos, revelam a nova semântica que os monstros adquirem durante o século XVI sob forte influência do espírito humanista. Nesta primeira modernidade os monstros adquirem outros valores e significações demonstrando uma possível reconfiguração das estruturas mentais do período. Figurando como pontos de referência geográfica, como forma de representação da própria natureza, ou tomados como formas de demonstrar o domínio dos conhecimentos eruditos, acomodam uma nova *reflexão epistêmica* a partir do ser humano. Contudo é possível perceber que muitos dos elementos da tradição ainda permanecem, sendo conjugados a essa nova epistemologia, sugerindo que os alicerces tradicionais nunca foram totalmente suplantados.

Antes de serem uma ancoragem no passado, as alegorias do mapa *Americae Sive Qvartae Orbis Partis Nova et Exactissima Descriptio* encenam e dão vida a discursos de afirmação do império espanhol, tornando-se verdadeiros textos sinalizando o nível simbólico do poder dessas composições. Durante o século XVI os mapas se firmaram como um

poderoso interlocutor de mensagens, revelando o conhecimento escondido para os soberanos ao mesmo tempo em que propagavam o imperialismo.

Dos monstros de Cock ao realismo de Gutiérrez é possível notar o dinamismo dessa cartografia que busca entender como representar um mundo em uma planificação. Os cosmógrafos começam a demonstrar contornos mais definidos e mais acurados, demonstrando os constantes esforços para o aprimoramento das técnicas de mapeamento em grade. Porém ainda convivem, de forma antagônica, com as alegorias medievais e com os saberes antigos, de Plínio, Euclides e Ptolomeu.

Longe de um esgotamento do tema, a pesquisa é um convite a futuras análises junto a essa fonte e seu incrível potencial de exprimir os contextos históricos e as prioridades culturais dessa primeira modernidade cartográfica.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS, Isa; FURRER, Bruno. **Mapa: imagens da formação territorial brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993
- BONATO, Tiago. **Articulando escalas: cartografia e conhecimento geográfico da Bacia Platina (1515-1628)**. 354f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- BROTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural – entre as Práticas e Representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel Clássico, 2002
- CUNHA, Macsuelber de Cássio Barros da. Dias de glória: uma análise sobre o triplo triunfo de Otaviano, em 29 a.C.. **Romanitas— Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 15, p. 173-194.
- DUZER, Chet Van. **Sea Monsters on Medieval and Renaissance Maps**. ed. British Library, 2014.
- DUZER, Ched Van **The Sea monsters in the Madrid manuscript of Ptolemy 's Geography** (Biblioteca Nacional, MS Res. 255) **WORD & IMAGE**, v o l . . 27. NO. I. JANUARY MARCH 2011, acesso em 17 de julho de 2022
- DUZZI, Mariana Stefanny Moises. **Pieter Bruegel, Philippe Galle e Hieronymus Cock Na Impressão de As Sete Virtudes (1559-1560): Rede de Impressores E Confessionalização Nos Países Baixos**. Trabalho de conclusão de curso: Universidade Federal de São Paulo Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Campus Guarulhos Departamento de História, São Paulo, 2021.
- GIRARDI, Gisele. Apontamentos para uma cartografia da Cartografia Geográfica brasileira. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, out. 2011.
- GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da Cartografia. In: **Revista GEOUSP - Espaço e Tempo**, n. 16. USP: São Paulo, p. 67-79, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73955/77615> . Acesso em: 10 maio 2022
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. tradução Victor Jabouille- 5ªed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005
- HARLEY, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la historia de la cartografía. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- HARLEY J. B, « Mapas, saber e poder », **Confins [Online]**, 5 | 2009, posto online em 24 abril 2009. URL : <http://confins.revues.org/index5724.html> DOI : en cours d'attribution, acesso em: 20 jun. 2022
- HÉBERT, John R. The 1562 Map of America. 2020. Online: <https://www.replicaprints.com/single-post/2020/02/27/The-Americas-Map-of-1562> . Acesso em: 20 de maio de 2022
- JACOB, Christian. Por uma história cultural da cartografia. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre **Espaço e Cultura** n. 39, p. 221-236, 2016.
- KELSEY, Harry (1987) The Planispheres of Sebastian Cabot and Sancho Gutiérrez. **Terrae Incognitae**, vol. 19, n.1, pp 41-58, 1987.
- LA CERDA, Maria do Carmo da Câmara Parreira de. **Entre Lisboa e Sevilha: Contribuições Náuticas de Francisco Faleiro**. Tese de Mestrado: Universidade de Lisboa: faculdade de ciências departamento de história e filosofia das ciências, 2021, Lisboa.

LEGEAR, Clara Egli. "Sixteenth-Century Maps Presented by Lessing J. Rosenwald." *Quarterly Journal of Current Acquisitions*, vol. 6, no. 3, 1949, pp. 18–22, 2022.

LOPEZ, Francisco Fernández. **La Casa de la Contratación de Indias: gestión, expedición y control documental** (siglos xvi-xvii) Relaciones 144, otoño 2015.

MALAXECHEVERRÍA, I. (2002). **Bestiario Medieval**. Madrid: Siruela, 1987.

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. **La espada, la cruz y el Padrón. Soberanía, fe y representación cartográfica en el mundo ibérico bajo la Monarquía Hispánica (1503-1598)**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2013.

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. los artífices del *plus ultra*: pilotos, cartógrafos y cosmógrafos en la casa de la contratación de sevilla durante el siglo XVI. **Hispania, Revista Española de História**, vol. LXX, n. 236, pp. 607-632, 2010

MARTÍNEZ, Antonio Sánchez. La cosmografía ibérica en la edad moderna. un análisis a partir del regimento del cosmógrafo-mor (1592), **Anais de Historia de Alem-Mar**, Vol. 15, p. 429-459, 2014.

MERÁS, Luisa Martín-. (2004). **Las enseñanzas náuticas en la Casa de la Contratación de Sevilla**. En La Casa de la Contratación y la Navegación entre España y las Indias (667-693), Sevilla: Universidad de Sevilla. disponible em: <https://idus.us.es/handle/11441/65911> acesso em: 25 mai. 2022

OLIVEIRA Altino Sérgio Dias de. **A Cartografia como Representação e Legitimação da Conquista da América Portuguesa no Século XVI**. Tese de mestrado Universidade Federal de Alfenas Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Alfenas Minas Gerais, 2018.

OLIVEIRA, Roberto Monteiro. **As Origens do Saber Cartográfico**. SANTOS Milton (org.) O Novo Mapa do Mundo. São Paulo: Hucitec Ltda, 1995.

OLIVEIRA Adriano Rodrigues de. Uma Análise Iconográfica do Mapa da América de 1562, de Diego Gutiérrez. **XIII Encontro Estadual de História. História e Mídia: Narrativas em Disputa**, UNESP, 2020.

PADRÓN, Ricardo. Mapping Plus Ultra: Cartography, Space, and Hispanic Modernity." *Representations*, vol. 79, no. 1, 2002, pp. 28–60, 2022.

SALAS, A. **Para un bestiario de Indias**. Buenos Aires: Losada, 1968.

SOBREIRA, Paulo Henrique Azevedo. Releitura do Conceito de Cosmografia: A Interface entre os Estudos Astronômicos e Geográficos. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia - RELEA**, n. 14, p. 57-75, 2012.

TEIXEIRA NETO, Antônio. Cartografia, território e poder: dimensão técnica e política na utilização de mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 26, n. 2, p. 49-69, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127145002> . Acesso em: 28 jul. 2022